



língua à solta Maria João de Almeida





Vasco d'Avillez

O 'encantador' de histórias

Actualmente é o Presidente da CVR Lisboa, mas há anos que Vasco d'Avillez acumula lugares de destaque no mundo do vinho. Afável, inteligente, profissional e um verdadeiro gentleman são as características que imediatamente revelam a sua personalidade. Dono de uma memória e cultura invejáveis, ninguém fica indiferente à conversa deste senhor do vinho.

Começou a trabalhar no vinho na década de 70. Como foi que surgiu o vinho na sua vida e porque escolheu este caminho?

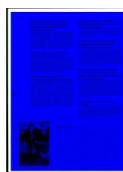
Comecei a trabalhar em 1967 para a Lloyd's Insurance, em Portugal, fazendo vistorias em mercadorias que vinham avariadas ou roubadas. Isto é tudo antes do uso sistemático dos contentores... Nesse trabalho fui-me apercebendo da enorme importância que para nós portugueses tinha o facto de se saber falar e escrever uma outra língua, nomeadamente o inglês. Rapidamente apercebi-me de que havia muita procura de gente como eu e apressei-me a mudar para as aulas da noite, na Faculdade onde estava a estudar Ciências Políticas, para poder ir trabalhar para África (Moçambique). Ou seja, não ia a todas as aulas mas tinha de fazer trimestralmente frequências. Assim, pude concorrer a uma vaga na José Maria da Fonseca (JMF), na adega nova, inaugurada em Maio de 1970, para responsável do Departamento de Relações Públicas. Abracei este trabalho com muito gosto e dei-lhe tudo o que sabia na altura – pouco mais era do que entusiasmo – mas aprendi muito e podia continuar a acalentar o sonho de ir trabalhar em África, pois a JMF estava justamente em conversações com o Banco Espírito Santo para se implantarem em Angola, e talvez também em Moçambique, com vinhas, para fazer vinho. A fotografia tirada em Outubro de 1971 (em baixo) mostra-me em franca conversa com os engenheiros Álvaro Franco, director da Sileno, e Manuel Vieira, que me ensinou muitíssimo e a quem devo muita formação, justamente a falar sobre a possível ida para África.



E foi isso que aconteceu?

Fiquei noivo em 1972, e em Março marquei o casamento para o dia 5 de Agosto desse ano. Tirei nesse dia uma fotografia, no Lancers, sentado no lagar de pedra da sala de visitas. Em 15 de Abril de 1972 veio a minha primeira promoção e fui feito chefe do departamento de RP, com o apoio dos Directores da Heublein, os sócios americanos da JMF, que estavam contentes com o meu trabalho. Foi a promoção que mais senti na vida, e tirei nesse dia um retrato com eles e com as esposas, no restaurante Luso, em Lisboa, onde íamos muitas vezes (foto em cima). Por estar a estudar, fui tendo adiamento da tropa. Acabei o Curso de Ciências Políticas em 1973, em Julho, e deixei de ter acesso a mais adiamentos... No ano seguinte sabia que seria chamado para a tropa mas o meu plano era o de ir para África com a tropa e depois ficar lá com a JMF a trabalhar na firma que se ia constituir. Assentei praça numa segunda-feira, dia 22 de Abril de 1974. No mês seguinte mandaram-me para casa, livre da tropa, e em Junho recomecei a trabalhar em Azeitão mas, agora, a pensar que tinha de ter e construir outros sonhos...





Trabalhou e frequentou vários cursos de vinho lá fora. Sentia que na época Portugal estava muito atrasado em relação ao estrangeiro?

De facto senti que havia uma forma portuguesa de fazer as coisas e que os outros estavam mais à frente. Por exemplo estudei em Berkeley na Califórnia e, lá, ensinavam que as uvas se compravam conforme a qualidade que tinham. Em Portugal as uvas compravam-se conforme o grau potencial de álcool que tinham e a sua real qualidade era essa apenas: o álcool que poderiam vir a produzir!

Qual foi o vinho que escolheu para a refeição do seu dia de casamento?

Para o nosso casamento tivemos 4 vinhos: O Lancers rosé como aperitivo, o Branco Seco Especial - hoje BSE - para o prato de peixe, e o Periquita de 1962 para o prato da carne. Para os doces e café, o Moscatel de Setúbal, da marca Setúbal Superior. Durante anos os nossos convidados falaram nos vinhos servidos e no bom que eram e são.

Quem foi a sua personalidade de referência no mundo do vinho e porquê?

A minha grande referência foi e é o engenheiro António Francisco d'Avillez, meu primo co' Irmão (primo direito) com quem fui trabalhar desde o dia 1 de Novembro de 1970 e que, sendo 15 anos mais velho do que eu, me ensinou muitíssimo do que sei hoje e me incentivou sempre a procurar fazer tudo bem e, mais do que isso, fazer sempre tudo melhor. Foi ele quem me desvendou o vinho e a importância das relações de trabalho e a importância de sermos sempre bons e justos. Incentivou sempre as minhas idas para outros empregos onde ele sabia que eu poderia aprender mais.

O Vasco é um contador de histórias... Acredita que a venda de um vinho passa por uma boa história?

Sem dúvida nenhuma. Em primeiro lugar, sou um vendedor e, para isso, tenho de vender primeiro a minha imagem, e uma boa história ajuda sempre muitíssimo!

Certamente já viveu muitas aventuras profissionais, houve algum episódio insólito que ainda hoje o faça rir?

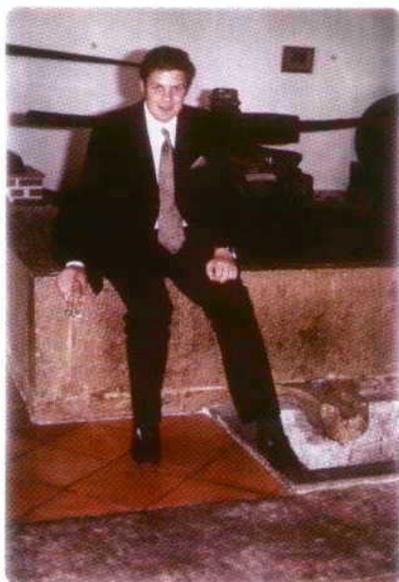
Há inúmeros mas, o mais caricato foi o de ir entregar uma taça Lancers ao primeiro classificado numa prova de ski na neve e ficar preso no alto de uma montanha, no Black Combe Ridge, em Alberta, no Canadá, sem ter maneira de voltar para a base, a não ser descer a montanha... a pé! Acabou tudo numa aventura mas como tudo na minha vida acabou bem e ganhei muitos amigos!

Dentro do mundo do vinho já exerceu várias funções e trabalhou em várias regiões. Agora é Presidente da CVR Lisboa, como encara este desafio?

É um desafio diário este de tentar continuar o trabalho que já vinha sendo feito antes de eu ir para lá, e que vai certamente continuar depois de eu sair. O trabalho principal é o de fazer com que a região seja cada vez mais conhecida, apreciada e que os seus vinhos estejam sempre presentes nos variados pontos de venda, aqui, e sobretudo fora de Portugal, na exportação!

Para si, qual será o futuro do vinho português?

Risonho de certeza, porque o avanço na qualidade dos tintos, e sobretudo dos brancos, é de tal maneira grande e evidente para todos os nossos clientes que eles não poderão deixar de descobrir este 'segredo tão mal guardado' dos vinhos portugueses.



Sentado no lagar de pedra (Março, 1972)

Vasco d'Avillez é licenciado em Ciências Sociais e Política pela Universidade Técnica de Lisboa em 1973. Frequentou vários cursos de Vendas e Marketing em Berkeley (Califórnia), em Toronto (Canadá), em Londres (Reino Unido), em Turim (Itália) e em Paris (França). Começou a sua vida profissional na firma James Rawes & Company, em Lisboa, como perito examinador de mercadorias importadas com avarias ou faltas. Depressa desafios profissionais o esperavam. De 1970 a 1977 trabalhou como Chefe do Serviço de Relações Públicas da J. M. da Fonseca Internacional, Vinhos - Lda. Trabalhou ainda alguns anos em diversos países como Director de Vendas e Marketing, entre os quais no Canadá (7 anos), nos EUA (5 anos), no Porto (5 anos), com especial incidência em vinhos de mesa; da Madeira e do Porto. De 2000 a 2009 exerceu o cargo de Presidente da VINI PORTUGAL, lugar para o qual foi reeleito durante 3 mandatos. De 2009 a 2010 foi consultor em várias firmas de vinhos: DFJ; Companhia das Quintas e Quinta do Carneiro. Desde Janeiro de 2011 até hoje é o Presidente da Comissão Vitivinícola da Região de Lisboa. É ainda filiado em prestigiadas confrarias de vinho e clubes de vinho nacionais e estrangeiros.



16 Língua à Solta - Vasco d'Avillez - O 'Encantador' de histórias